

Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven

VOLUME I

'Ressurreição'



Capítulo I



O Éden era o único que se igualava a ele. Imersa numa névoa calma, a serena floresta da montanha poderia...

Serviram como um paraíso perfeito e imaculado — uma Criação Incorrupta, até. Pássaros ruidosos esvoaçavam em um denso dossel de folhagem verdejante, e o sol da manhã penetrava pelas copas das árvores, lançando raios coloridos de luz oblíqua através da névoa. De tempos em tempos, a névoa se dissipava, revelando um animal errante que inspecionava raízes e larvas, apenas para engolir a criatura novamente e se tornar o que fora, uma parede diáfana e ininterrupta. Uma única folha espiralava preguiçosamente através dos raios de sol, desaparecendo na névoa. Outra Uma folha seguiu o rastro da primeira — e depois de outra. Os pássaros silenciaram — a luz do sol diminuiu.

E assim começou.

A neblina começou a se agitar com a fuga de animais selvagens, e folhas, galhos e penas choveram.

As árvores, como bandos de pássaros brilhantes, irromperam em direção ao céu. As montanhas tremeram e as árvores balançaram enquanto a terra ressoava como um gongo. No ápice desse toque sinistro, uma debandada de seres alados horrendos surgiu sobre o cume da montanha. Alguns, Ciclopes, eram tão altos quanto árvores. Outros, semelhantes a Quimeras, não eram mais altos do que uma criança humana. Todos vestiam trajes de batalha, suas asas membranosas agitando-se em frenesi, garras empunhando espadas e escudos. Aos milhares, a horda de Anjos, Gigantes e Grotescos, que eram os Grigori, Nefilins, Eljo, Górgona, Titãs e Ciclopes, desceu a montanha em uníssono — uma avalanche de destruição. Na vanguarda do rugido flamejante, um grupo de Anjos com olhos completamente negros liderava a multidão descendente para o vale sombrio, abrindo uma ampla faixa na encosta e achatando a floresta. Nenhum ser vivo permaneceu de pé após a passagem daquele. Então, tão repentinamente quanto surgiu, o pandemônio desapareceu.

Um novo silêncio dominou a paisagem devastada, tão completo quanto a destruição que se seguiu. Por fim, o gongo ressoou quando a terra começou a gemer com a passagem de uma segunda multidão. Através da montanha, surgiu outra legião de Anjos, vestidos de maneira muito semelhante à primeira horda, mas suficientemente diferentes para serem classificados como uma espécie completamente distinta. Essas criaturas assemelhavam-se mais a homens e mulheres de grande porte do que a demônios. E embora seus olhos fossem igualmente negros, eles estavam mais concentrados do que enfurecidos.

A multidão de criaturas parou no cume da montanha, observando a devastação abaixo. O anjo líder, Miguel, virou-se e falou com uma voz como a de um coro de milhares. “Uma farsa foi tecida aqui — eles permanecem!” Voltando-se para a encosta aparentemente abandonada abaixo, ele bradou: “Semjaza, você não terá paz! Desfaça seu encantamento!” Cérbero! Araquel!” Não houve resposta. “Mostrem-se! Por ordem do Trono!” rugiu o Anjo.

Mais duas legiões de Anjos desceram dos céus, seus números quase apagando tudo. o sol antes de iluminar a formação de Miguel. Estas eram as hostes de Gabriel e Rafael. Miguel dirigiu-se a elas, dizendo: “Semjaza e suas legiões estão abaixo. Cerberus também nos traiu, ao aliar suas fileiras às de—”

Subitamente, uma árvore caída transformou-se no anjo Araquel, revelando sua verdadeira forma enquanto se lançava em direção a Miguel.

“Michael!” alertou Raphael.

Michael girou e ergueu sua espada no ar num único movimento. Araquel desceu sobre ela, golpeando-o com a sua própria espada e gritando enquanto a lâmina a atravessava. Ela caiu no chão e explodiu numa nuvem furiosa de partículas de poeira que se dissolviam. “Semjaza!” gritou Michael. “Seu engano não o livrará do julgamento.” Ele

Entrou numa clareira. "Outro portão estará aqui", exclamou Miguel, cravando sua espada no chão. Novamente, a montanha tremeu quando Miguel retirou a lâmina brilhante, e sangue jorrou da terra ferida.

Um grito rasgou o ar, e o que parecia ser uma rocha transformou-se na figura cambaleante de Semjaza, agarrando uma ferida aberta no peito. "Cérbero!", gritou ele. "Quebre a espada! Feche a ferida!" Quando Semjaza caiu, seu feitiço se quebrou e a paisagem se transformou. Onde árvores caídas e rochas jaziam em desordem, agora a legião de demônios se revelava — milhares deles — agachada na encosta devastada da montanha. Instantaneamente, um deles surgiu flamejante ao longo da encosta da montanha: um anjo horrendo com três cabeças semelhantes às de cães, dentes rangendo e a cauda chicoteante de uma serpente — Cérbero. Os ventos se intensificaram com força de tempestade, e as nuvens se agitaram, escurecendo o céu rapidamente.

"Ezequiel!" gritou Semjaza. "As nuvens! Quebrem a espada!" Semjaza então rolou por uma curta distância, morreu e se desfez em uma nuvem de poeira. O exército de Semjaza avançou em ataque, seguindo Cérbero montanha acima em direção a Miguel, as três legiões no topo da montanha recuaram calmamente, ajoelharam-se e inclinaram a cabeça. Um vórtice negro desceu das nuvens rodopiantes, caindo em direção à terra. O chão se agitou e uma rocha surgiu da ferida sangrenta que a espada de Miguel havia aberto. O vórtice envolveu a pedra bruta e a esfolou, moldando-a e gravando-a em um turbilhão de movimentos. Do caos emergiu um retângulo polido, gravado em suas cinco faces com centenas de fileiras de intrincados símbolos circulares e lineares.

O monólito emergente transformou o avanço de Cérbero em uma debandada. A legião atacante se virou em uníssono e recuou montanha abaixo, o terror substituindo a sede de sangue em seus olhos negros, mas era tarde demais. O portal estava completo. Os Anjos em fuga diminuíram a velocidade como se o ar tivesse se tornado viscoso, diminuíram e então pararam, mesmo enquanto lutavam para escapar. O redemoinho os sugou, arrastando-os inexoravelmente para o seu centro até que cada um fosse engolido pelo monólito. Quando o último desapareceu, o centro do monólito queimou, deixando um buraco enorme em seu interior. O vórtice ascendeu aos céus e as nuvens diminuíram sua rotação. No silêncio, os Anjos podiam ouvir o chiado do vapor subindo do portal recém-criado.

O monólito negro e liso tinha dez pés de altura por cinco pés de largura por dois pés de profundidade, cada centímetro visível coberto com versos na língua dos anjos e do próprio Deus. A superfície negra e vítrea do monólito era tão perfeitamente lisa quanto o melhor espelho, e o orifício central tinha uma forma impecável, com um pé de diâmetro e atravessando a pedra na largura. O selo de pedra ficou perfeito.

Os anjos ajoelhados se levantaram. Miguel se voltou para Gabriel. "Os Vigilantes restantes estão escondidos nas colinas de Uhr." Gabriel brandiu sua espada e subiu a encosta da montanha. "Gabriel", gritou Michael atrás dele.

Gabriel olhou por cima do ombro sem interromper o passo, enquanto Miguel acrescentava: "Eles devem ser mortos por suas próprias espadas — por ordem do Trono." Gabriel acenou em resposta afirmativa, saltou sobre uma grande pedra e bradou por cima das cabeças de sua legião: "Ao vale de Uhr! Ao último Grigori!" Gabriel avançou em direção ao horizonte oeste com sua legião logo atrás.

"E para onde Azazel fugiu, Michael?", perguntou Rafael com uma voz que lembrava a de muitos. "Ele voou para as montanhas desérticas de Haradan", respondeu Michael. "Ele jurou uma aliança com Lucifael. Azazel apoia sua reivindicação ao Trono em troca de proteção e de seu maior número de tropas." Michael inspecionou o monólito sibilante. Os dois circularam o selo de pedra enquanto Michael continuava: "E as muitas legiões de Batarel logo preencherão suas fileiras." Michael parou abruptamente e lançou um olhar para Raphael — uma sobrancelha preocupada se formou em sua testa. "Se eles se unirem, Lucifael obterá o número de soldados de que precisa. Os Nefilins também fortalecerão suas fileiras; e ela deseja o Trono acima de tudo."

Rafael se virou e bradou sobre suas vastas fileiras celestiais de espadas e asas: "Avançamos contra as legiões de Batarel e as hordas remanescentes de Nefilins!" Metade dos Anjos irrompeu nos céus orientais, fechando as fileiras aéreas atrás de Rafael.

Michael então ordenou aos restantes: "Alinhem-se para atacar as novas legiões de Lucifael! Ela nos espera; contudo, o Trono ilumina nosso caminho! Como antes, mataremos gigantes e demônios terrenos em primeiro lugar. Movemo-nos como um só — não demorem!" Uma nuvem de asas brancas e armaduras reluzentes explodiu nos céus atrás de Michael, abandonando o selo permanente.

E assim o selo permaneceu por quase seiscentos séculos, há muito tempo oculto pelos elementos e pelo tempo, enquanto a poeira se depositava sobre ele, e depois camadas de terra e rocha. Incrustado no continente asiático, permaneceu adormecido enquanto as décadas se sucediam como efêmeras chinesas em acasalamento.

Com a queda dos Vigilantes e dos Grigori, aqueles Anjos que cuidavam dos assuntos terrenos, apenas o Homem permaneceu para zelar pela boa Terra. E Ele o fez por muitas gerações. Então, enquanto cuidava de Seus jardins, o Homem descobriu por acaso o portão enterrado. Sabendo disso Por ser de origem divina, Ele dissipou os séculos e a consagrou, construindo um templo sobre ela. Por mais meio milênio, Ele manteve o artefato em segredo, venerando-o e Ele moldou sua vida em torno disso — até que chegou o dia em que se tornou sábio o suficiente para abrir o selo, mas permaneceu tolo o bastante para tentar fazê-lo.

~*~

China Central ~ Junho de 1331

Centenas de pombos alinhavam-se no enorme telhado de um templo chinês ornamentado, cacarejando e bicando uns aos outros enquanto buscavam reivindicar mais espaço na escassa saliência. Novamente E, mais uma vez, um único pássaro voou da crista congestionada, deu uma ampla volta e se juntou novamente ao... A multidão desaparecia na massa. Abaixo da borda, décadas de excrementos de pombos haviam manchado as superfícies de pedra de cinza e branco. Estátuas de pedra, empoleiradas em plataformas uniformemente espaçadas, projetavam-se da saliência onde ficavam os pombos. Cada uma representava uma besta grotesca de pedra, com um metro e vinte de altura e asas membranosas semelhantes às de um morcego.

Algumas dessas bestas de pedra eram semelhantes a dragões, outras eram parte homem e parte besta, e outras ainda eram humanoides, porém de aparência primitiva. Algumas estavam agachadas com as asas abertas, outras com as asas recolhidas e dobradas, e havia várias combinações das duas. Os detalhes das estátuas e suas posturas aleatórias eram tão realistas que poderiam ter sido criadas. Criaturas vivas congeladas em pedra. Elas se projetavam em todas as direções, alinhando-se por todo o topo do templo.

O próprio templo era notavelmente antigo, composto por lajes de pedra irregulares talhadas mil anos antes. Gravuras erodidas representando demônios voadores cobriam as paredes externas da estrutura, sendo a mais abundante um ícone de um dragão com asas abertas, totalmente circundado por três círculos que compartilhavam um centro comum. Três entradas em arco ladeavam a fachada do templo, com o arco central mais alto que os laterais. Três esculturas em pedra de dois metros e meio de altura, representando bestas aladas semelhantes a leões, guardavam a borda esquerda de cada um dos arcos, e acima de cada um dos três arcos havia uma inscrição chinesa distinta. Ao todo, lida da direita para a esquerda, a passagem completa podia ser traduzida como: *'Templo do Dragão Voador'*.

Jardins impecavelmente cuidados cercavam o templo, enquanto pontes arqueadas de teca se curvavam para frente e para trás. do outro lado de um riacho sinuoso. Além dos bonsais e rochas do jardim interno, pomares de árvores frutíferas e de nozes e pequenos bosques de árvores de folha caduca davam lugar a florestas montanhosas mais selvagens. Na orla desses jardins organizados e bosques indomados, um tordo-da-china empoleirava-se em uma antiga árvore ginkgo nativa, preenchendo o ar com tons tranquilos enquanto a luz do sol do meio da manhã filtrava pelos caminhos e lagos.

Uma fileira de monges de vestes negras serpenteava para fora da floresta, caminhando solenemente pela pedra.

passarela que levava ao edifício. Eles fluuavam como névoa pelo caminho, com as cabeças baixas e as mãos unidas à frente. Entraram no templo em silêncio absoluto. Lá dentro, inúmeras velas ardiavam em todas as superfícies horizontais, e a doce fumaça do incenso espiralava dos recipientes perfurados. Velas e incenso se combinavam, conferindo uma densa atmosfera de espiritualidade ao interior do templo. Os monges de vestes sedosas atravessavam três câmaras consecutivas, cada uma maior que a anterior. A última delas era vasta e seu teto côncavo se estendia muito acima dos sacerdotes. Gravuras de animais voadores circundava a cúpula do teto. Inúmeras linhas e inscrições entrecruzadas marcavam sua superfície curva, assemelhando-se muito a um mapa astrológico detalhado dos céus.

Um buraco redondo, perfeitamente simétrico, havia sido aberto no piso polido, no centro da sala. O buraco era grande, com quase quatro metros de profundidade. Assim como o piso do templo, a parede cilíndrica do buraco era lisa e polida, e no centro do buraco, quatro metros abaixo do piso do templo, erguia-se o selo de pedra. Mesmo após sessenta mil anos, a Pedra do Portal permanecia impecável e intocada como no dia em que engoliu os Vigilantes e grande parte dos céus.

Quatro sacerdotes emaciados estavam sentados perto da borda da vala, com as pernas cruzadas e as vestes afastadas dos ombros, revelando peitos estreitos e braços finos; sua condição decrepita era a prova de longos períodos de jejum. O suor brilhava em seus pescoços tensos e costelas ossudas, e seus olhos ardiavam no fundo das órbitas fundas enquanto permaneciam sentados como estátuas. Em profunda meditação, a procissão de monges circundou os quatro sacerdotes, sentando-se em seguida ombro a ombro para formar uma parede sólida ao redor dos sacerdotes e do fosso. À medida que mais monges chegavam, formavam um segundo círculo, e depois um terceiro, até que três anéis concêntricos de homens santos em meditação preencheram a câmara. No profundo silêncio, o ocasional crepitar das velas acesas ecoava suavemente pela cúpula, como o som de trovões distantes.

Logo, mais três sacerdotes entraram na área. Dois carregavam grandes velas e o terceiro caminhava entre eles, este vestido com vestes tão vermelhas quanto sangue fresco. Ele carregava um antigo pergaminho enrolado nas mãos. Os três sacerdotes pararam além do círculo de monges, e o sacerdote de vermelho desenrolou o pergaminho, revelando colunas de escrita chinesa. O pergaminho continha traduções dos versos que estavam inscritos nas superfícies da Pedra do Portal.

Do lado de fora do templo, em seus arredores, o único som era o murmúrio do riacho plácido. O tordo alçou voo repentinamente, perseguindo uma abelha entre as flores do jardim. Quando o bico do pássaro canoro abocanhava a abelha no ar, houve uma explosão, e instantaneamente

A cúpula do templo estilhaçou-se, lançando fragmentos de pedra a centenas de metros de altura. O impacto foi tão violento que desfolhou as árvores mais próximas, e pedaços de granito e ossos humanos cravaram-se em seus troncos carbonizados. Enormes pedaços de pedra caíram sobre o jardim, quebrando galhos e abrindo crateras na terra. a terra cuidadosamente rastelada. Uma nuvem de poeira e cinzas percorreu o terreno e desceu toda a encosta da montanha como uma maré piroclástica impetuosa.

O que restava do templo brilhava com um calor intenso, rachando as pedras que ainda estavam de pé. E ainda assim, a temperatura subiu, até que as paredes da cratera lisa no epicentro do templo se liquefizeram como seiva escorrendo. As árvores queimadas ao redor do templo explodiram em chamas. A Pedra do Portal, intacta, destacava-se do centro da cratera. O buraco no coração da pedra tornou-se densamente opaco com uma névoa negra e biliosa, que começou a se agitar e fumaça, jorrando da Pedra de Portão como uma nuvem viscosa e cáustica, densa como gases sulfurosos.

A nuvem subiu da cratera e se manteve rente ao solo enquanto flutuava sob as cinzas mais leves. Ela não se dissipou, permanecendo concentrada como uma única massa fervente, devastando tudo. a vegetação do jardim em seu rastro. Então, em uma clareira ilesa, parou e girou no mesmo lugar por um breve instante antes de se enrolar sobre si mesma e coalescer em seu centro. Arcos de luz semelhantes a uma tempestade em cúmulos profundos brilharam através dela enquanto, no interior da massa, uma forma tomava forma. Uma sombra a princípio, evoluiu para ganhar densidade e estrutura e, finalmente, tons de pele. A nuvem se dissipou para revelar uma mulher nua com asas membranosas extensas. Seus cabelos na altura da cintura eram negros como ônix e finos como fios de seda. Seus olhos e unhas eram igualmente negros e brilhantes como o rosto de Pedra do Portal, que contrastava fortemente com sua pele quase translúcida, pálida como a Morte. Seu Anjo Sua beleza era incomparável, mesmo em comparação com a da própria Eva. Ela era a profana *Lucifael*, a *Dragão*, a sedutora *Lilith*, a brilhante *Estrela da Manhã*, a ancestral *Heyl* e a *Mãe Súcubo do Inferno* — uma infinidade de nomes transmitidos ao longo dos tempos. O espírito materializado de Lucifael cuspiu com a voz de muitas mulheres: "Uma! Duas restam", suspirou, observando atentamente a destruição.

Ao seu redor, a fumaça que se dissipava revelava a paisagem de um pesadelo. Os jardins do templo eram uma ruína fumegante, repleta de cadáveres. Um campo de escuridão circundava os restos incandescentes do templo, e os jardins externos jaziam planos e chamuscados, morrendo de sede. O vapor subia do riacho, agora negro de fuligem e carvão. Os bonsais crepitavam, queimando, e ocasionalmente um após o outro caíam em cinzas e brasas onde haviam estado.

permaneceu.

Lucifael deu um passo à frente e retirou um pombo morto do chão. Ela acariciou a ave enquanto uma alma carinhosa. “Ainda não, minha querida”, ela sussurrou. “Venha.” O pássaro sobressaltou-se, sua cabeça balançando como se seu pescoço estivesse quebrado. Ela o acariciou. “Sim. Volte, pequeno.” “Um.” Seus olhos se abriram lentamente e encontraram os dela. Ele esvoaçou e ela o agarrou pelo pescoço. Ela aproximou o pássaro do rosto, inspirou profundamente e exalou uma densa nuvem sulfurosa sobre a ave que se debatia. Suas penas brilharam em amarelo.

Dentro da pluma fétida, sementes de aniquilação aguardavam praticamente todos os seres vivos da Terra, pois ali se encontrava um germe mortal, tão vil que poderia apodrecer a face da Ásia e, eventualmente, grande parte da Europa. O germe era a *Yersinia pestis* — o próprio instrumento da *Peste Negra*. Lucifael sorriu, instruindo o pássaro: “Ouça-me, pequeno. Transmita aos homens a minha palavra: que em breve voltarei para reivindicar o que é meu.” Ela lançou o pombo ao ar. Este circulou e voou para o sul, enquanto Lucifael se transformava em uma nuvem de cinzas ondulantes, que então tomou a forma de um corvo. A figura esfumaçada rasgou o terreno e mergulhou pelo buraco da Pedra do Portal.

De forma desajeitada e irregular, a pomba espiralou pelo ar ao longo da encosta da montanha e emergiu na planície. Sua sombra roçou os telhados de palha de um pequeno povoado, atravessou um campo e um bosque denso. Finalmente, a ave encontrou o caminho para dentro... No coração de uma aldeia congestionada. Caiu em convulsão e despencou em direção ao chão, esmagando-se contra a parede de ripas de um edifício, parando então no chão atrás de uma banca de peixe no movimentado mercado da aldeia. Ao cair da noite e com o mercado esvaziado, ninguém avistaram o pássaro morto e, na escuridão crescente, ninguém permaneceu para ver a luz pálida e doentia que começou a emanar da carcaça.

O pombo enrijeceu e ficou frio, mas suas penas ainda brilhavam com um amarelo doentio. Ao amanhecer, um par de ratos pretos deparou-se com o cadáver. Um dos ratos farejou. Um dos ratos olhava para o olho arregalado da ave enquanto o outro cheirava seu traseiro, e ambos, encontrando a carcaça fresca, devoraram-na. Contudo, antes que terminassem esse banquete macabro, um homem aproximou-se da banca de peixe, espantou as moscas de dorso verde e atirou um peixe pesado, de olhos leitosos, sobre as tábuas ásperas da barraca. Os ratos fugiram em disparada, repletos da doença que a carne da ave carregava.

Os ratos eram hábeis necrófagos, mas ainda mais eficientes eram os parasitas que se banqueteavam invisivelmente com os roedores. O bacilo que viajara para o mercado com a pomba do templo se multiplicava nos corpos dos ratos, transformando-os em um caldo vivo e uma poção mortal para as pulgas que os infestavam. Embora não fossem muito afetadas pela bactéria, as pulgas se fartavam com o sangue infectado dos ratos, que prontamente...

regurgitado nos corpos dos hospedeiros subsequentes enquanto estes se preparavam para a próxima refeição. Nas duas semanas seguintes à queda da pomba, como maná, na toca dos ratos no mercado, as pulgas espalharam o germe para todos os ratos da aldeia.

Os ratos começaram a morrer, forçando as pulgas a procurar alimentos mais saudáveis. A doença também buscou novos locais de reprodução à medida que dizimava a população de roedores e, propagada nos estômagos de bilhões de pulgas, encontrou um novo hospedeiro — a doença passou para sua próxima vítima: os humanos.

Nessa manhã doce e ensolarada, uma jovem chinesa inspecionava feixes de gengibre preto amarrados, empilhados sobre uma banca de frutas e verduras a poucos metros do local onde o pombo amaldiçoado pousou. Apontando para um pequeno feixe, a menina perguntou à velha que tinha a barraca quanto ela queria por ele. A mulher balançou sete dedos diante de seu sorriso banguela. A menina sorriu, aceitando: era um preço justo. A mulher recolheu as moedas da menina e estendeu o feixe de raízes, mas naquele instante sua jovem cliente gritou e pulou para longe da barraca. "Um rato!" , exclamou ela, suas feições agradáveis se contorcendo em desgosto. "Ele correu por cima de mim !" meu pé."

A mulher riu, gesticulando preguiçosamente com a mão. "São apenas pragas inofensivas", disse ela, sorrindo. "Com tanta comida por aí, ficaram ousadas, quase como animais de estimação."

A garota estendeu a mão para receber sua compra, desejando agora estar longe da velha bruxa e seus 'animais de estimação'. Sentindo uma ardência no tornozelo, ela recuou novamente da vendedora e levantou a barra da saia comprida, revelando um pé descalço. Inclinou-se para examinar melhor, franzindo a testa. Ao fazer isso, o chapéu de palha largo que usava caiu no chão, onde um comerciante que passava o pisoteou. Uma gargalhada irrompeu da velha, que parecia se divertir até com as desgraças mais banais. O olhar penetrante da menina só aumentou a alegria da mulher.

"Se todos tivéssemos o mesmo azar que você, estaríamos todos mortos ao amanhecer", gargalhou ela. A menina, sem entender a graça daquela filosofia sombria, pegou o chapéu e o colocou de volta na cabeça. A risada zombeteira da velha a acompanhou enquanto ela se afastava pisando duro e desaparecia na multidão com um feixe de gengibre, um chapéu sujo e uma picada de pulga. A mordida — por menor que fosse — provaria ser grande o suficiente para engolir quase metade do mundo conhecido.

Em poucos dias, o surto da doença que se seguiu varreu a aldeia chinesa como um tsunami. As crianças, mais próximas da terra e dos animais e insetos que rastejam sobre ela, foram as primeiras a adoecer e morrer. A taxa de morbidade da infecção era altíssima.

Arrepiante, chegando a quase 75%. O inverno ameno ofereceu condições ideais para a disseminação da doença, e o clima mais quente que se aproximava seria ainda mais devastador para os humanos, mais propício para a bactéria. Embora o Inferno não seja dado à alegria, naquele momento de trágica infecção humana, Lúcifer se divertiu. O homem estava maduro. As condições climáticas amenas eram ideais para oferecer à Morte uma colheita abundante, e a Morte, sempre pronta, empunhava uma foice afiada e reluzente como um trabalhador experiente, ansiosa para colher a fatura.

Os infectados pela peste morriam repentinamente, pois o germe destruía completamente seus sistemas imunológicos. Atacava os gânglios linfáticos até rompê-los, tornando-os inúteis. O corpo da vítima teve pouco tempo para se defender antes de sucumbir completamente. Sangue hemorrágico acumulou-se sob a pele da vítima em manchas negras, e seus fluidos corporais infectados — sangue, suor e excrementos — exalavam um odor horrível.

A Peste Bubônica foi um dos planos mais engenhosos do Inferno. O hálito de Lucifael era traiçoeiro, e seu desejo era a aniquilação completa de seus adversários. Assim, a peste era uma metamorfa química: o que não conseguia em uma forma, alcançava em outras. A doença mudava, e uma segunda onda de infecção percorria o campo da vida humana, e então uma terceira onda. A peste pneumônica infectava os pulmões de suas vítimas e se multiplicava tão rapidamente que a cavidade torácica da infeliz vítima inchava e se enchia de sangue poucos dias após a infecção. Embora alguns sobrevivessem à peste bubônica, a peste pneumônica não fazia prisioneiros. Pior ainda, a infecção era facilmente transmitida por uma tosse ou um espirro — a morte preenchia o próprio ar.

A terceira forma de infecção provou ser a mais mortal de todas. A peste septicêmica atacava o sangue, preenchendo cada partícula de tecido corporal com o bacilo que se multiplicava descontroladamente. As vítimas morriam em poucas horas, com seus órgãos internos literalmente liquefeitos em poças de sangue altamente infeccioso. Assim como a forma pulmonar da peste, a infecção septicêmica era quase cem por cento fatal.

A pestilência espalhou-se rapidamente a partir de sua origem e assolou o campo. Três quartos de todas as aldeias e cidades vizinhas, agora expostas à praga, foram dizimadas em poucos dias. Nas semanas seguintes, centenas de milhares de mortos infectados jaziam espalhados por campos abertos, pois poucos ousavam enterrá-los por medo de contaminação. A população de moscas disparou, e os cadáveres em decomposição tornaram-se incubadoras perfeitas para suas larvas. Nas áreas mais desenvolvidas do país, o fedor de cadáveres enegrecidos e inchados era tão intenso que o cheiro de uma aldeia devastada podia ser sentido a quase dezesseis quilômetros de distância, a favor do vento. Uma migração em massa teve início, com dezenas de milhares de pessoas buscando refúgio em áreas remotas e desabitadas.

Mesmo em sua fuga desesperada, os viajantes evitavam as estradas principais, que estavam repletas de restos mortais em decomposição, às vezes de aldeias inteiras. As estradas rurais eram frequentemente bloqueadas por carroças infestadas de moscas, ainda atreladas a cavalos mortos. Morte e decomposição estavam por toda parte. A peste reinava, e os homens eram seus escravos. A Grande Pestilência ceifou mais de trinta e cinco milhões de vidas chinesas em dezesseis anos difíceis, e ainda assim não estava saciada. A peste marchou silenciosamente para a Mesopotâmia e a Ásia Menor, devastando-as como fizera com a China, varrendo continentes inteiros como uma horda vingativa e saqueadora.

A doença alastrou-se por todas as veias da civilização asiática, seguindo rotas comerciais que se espalhavam pelo coração da Mongólia. A Rota da Seda, antiga rota de caravanas que transportava mercadorias do Oriente para o Mar Mediterrâneo, agora levava a serva designada pela Morte em direção à Europa. De fato, a Morte pairava sobre a terra como uma brisa fétida, contaminando o ar com o odor rançoso da putrefação. Seu fedor profano era tão intenso que anestesiaria até os céus. Assim aconteceu, como invariavelmente acontece com os eventos horríveis da História, que a mensagem de Lucifael ecoou pelas terras — ela logo reivindicaria o que era seu.

[Fim do Capítulo 1]



Esta obra literária foi criada e exclusivamente em dedicação de

Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~